

HARUKI MURAKAMI

**O assassinato do comendador**  
**Vol. 1**  
*O surgimento da IDEA*

TRADUÇÃO  
Rita Kohl

ALFAGUARA



Copyright © 2017 by Haruki Murakami

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Kishidancho Goroshi

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*  
Gustavo de Azambuja Feix

*Revisão*  
Renata Lopes Del Nero  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Murakami, Haruki

O assassinato do comendador, volume 1 : o surgimento da IDEIA / Haruki Murakami ; tradução Rita Kohl. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2018.

Título original: Kishidancho Goroshi.  
ISBN: 978-85-5652-077-7

1. Ficção japonesa I. Título.

18-20425

CDD-895.63

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura japonesa 895.63

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

**O assassinato do comendador**  
**Vol. 1**



# Prólogo

Hoje, quando acordei de um cochilo, o Homem Sem Face estava à minha frente. Sentado na poltrona, diante do sofá onde eu dormia, ele me fitava fixamente com os olhos imaginários de quem não tem face.

O homem era alto e usava as mesmas roupas da última vez em que o encontrei. Trazia na cabeça um chapéu preto de abas largas, que escondia metade do seu rosto sem face, e vestia um sobretudo comprido e também de cores escuras.

— Vim para que você pinte meu retrato — disse ele com voz seca, sem entonação, depois de se certificar de que eu estava completamente desperto. — Você me prometeu que faria isso, lembra?

— Sim, lembro. Naquele dia não pude fazer o desenho, porque não tinha papel — respondi, também com voz seca e sem entonação. — Então, em vez de um retrato, lhe entreguei um amuleto no formato de pinguim.

— Verdade. Estou com ele aqui.

Ao fim dessas palavras, ele esticou o braço, que era muito comprido, e abriu a mão direita. Na palma, havia um pequeno pinguim de plástico. Era o pingente para celular usado como amuleto. O Homem Sem Face largou o amuleto sobre o tampo de vidro da mesa, com um pequeno ruído seco.

— Pode ficar com ele. Talvez você esteja precisando. Com certeza, servirá como amuleto para você proteger as pessoas queridas ao seu redor. Só que em troca quero que você faça o meu retrato.

Fiquei desorientado.

— Mas... assim, de repente?... Nunca retratei uma pessoa sem rosto.

Minha garganta estava seca.

— Ouvi dizer que você é um excelente retratista. Além disso, para tudo há uma primeira vez — afirmou o Homem Sem Face.

Em seguida, riu. Ao menos, tive a impressão de que riu. Escutei um som *parecido* com um riso, como o eco vazio do vento no fundo de uma caverna.

Ele tirou o chapéu que cobria metade do seu rosto. No lugar da face, havia apenas um redemoinho de névoa leitosa, girando lentamente.

Me levantei e trouxe do ateliê um caderno de esboços e um lápis macio. Depois me sentei no sofá e tentei retratar o Homem Sem Face. No entanto, não sabia por onde começar, nem como buscar um ponto de partida. Afinal, o que havia ali era apenas o nada. Como eu poderia dar forma à *ausência de qualquer coisa*? Além do mais, a névoa leitosa que envolvia esse nada se modificava o tempo todo.

— É melhor você se apressar — disse o Homem Sem Face. — Não posso demorar aqui.

Meu coração batia com um som seco. Não tenho muito tempo. Preciso ser rápido. Ainda assim, os dedos que seguravam o lápis estavam paralisados no meio de um gesto e não queriam se mover de jeito nenhum, como se tudo abaixo do meu pulso estivesse dormente. Ele estava certo, eu tinha pessoas para proteger e, de resto, desenhar era a única coisa que eu sabia fazer. Apesar disso, não conseguia de jeito nenhum desenhar o rosto daquele Homem Sem Face. Fiquei encarando, impotente, a névoa que se agitava.

— Sinto muito, mas o tempo acabou — observou o Homem Sem Face depois de um momento, antes de soltar um longo suspiro pela boca da sua face inexistente, exalando o ar como a neblina que paira sobre um rio.

— Espere, por favor! Só mais um pouco e eu...

O homem colocou o chapéu preto de volta na cabeça, escondendo mais uma vez metade do rosto.

— Qualquer dia, farei uma nova visita. Quem sabe então você seja capaz de me desenhar. Até lá, guardarei este amuleto de pingüim.

Assim, o Homem Sem Face desapareceu, em um piscar de olhos, como o nevoeiro varrido subitamente por uma rajada de vento. Restaram apenas a poltrona vazia e a mesa, já sem o amuleto de pinguim sobre o tampo de vidro.

Tudo parecia ser apenas um breve sonho, mas eu sabia muito bem que não estava sonhando. Se aquilo fosse um sonho, então o próprio mundo em que eu vivia deveria ser também um sonho.

Quem sabe um dia eu serei capaz de fazer o retrato do nada, da mesma maneira que certo pintor foi capaz de criar o quadro *O assassinato do comendador*. Até lá, eu preciso de tempo. Preciso que o tempo seja meu aliado.





# 1.

## Se a superfície estivesse turva

De maio daquele ano até o começo do ano seguinte, morei no alto de uma montanha, nas imediações de um vale estreito. Durante o verão, chovia sem parar dentro do vale, mas fora quase sempre fazia sol. Esse fenômeno acontecia por conta do vento sudoeste que soprava do mar, trazendo as nuvens carregadas para dentro do vale. Quando essas nuvens subiam ao longo das encostas, faziam chover. Como a casa ficava bem na fronteira do vale, costumava bater sol na frente enquanto caía uma chuva pesada no jardim dos fundos. No começo, eu achava aquilo bem estranho, mas com o tempo me habituei, até que passei a achar que era muito natural.

Retalhos de nuvens baixas ficavam presos às montanhas próximas. Às vezes, quando ventava, esses fiapos vagavam sobre a encosta, como almas penadas vindas do passado em busca de lembranças desaparecidas. Outras vezes, uma chuva branca como neve fina dançava silenciosamente, movida pelo vento. Ventava quase o tempo todo, então passei um verão agradável mesmo sem ar-condicionado.

A casa era pequena e antiga, mas tinha um jardim bastante grande. Se ficasse largado, o mato crescia alto, e foi assim que uma família de gatos passou a viver escondida entre as ervas daninhas. Depois um jardineiro veio e cortou tudo, e os gatos se mudaram para outro lugar. Acho que ficaram desconfortáveis. Era uma gata tigrada com três filhotes. Tinha uma cara brava e parecia sobreviver por um fio, de tão magra.

A casa ficava no cume da montanha. Do terraço voltado para o sudoeste dava até para ver um pedaço de mar por entre a mata. Era um nadinha, como a superfície da água dentro de uma tigela. Uma pequeníssima migalha do gigantesco Oceano Pacífico. Um conhecido meu, corretor de imóveis, me contou que o preço dos terrenos muda

muito em função da vista ou não para o mar, mesmo que a vista seja um pedacinho insignificante como aquele. Mas eu não me importava de ver ou não o mar. De longe, aquele fragmento do oceano parecia apenas um bloco desbotado de chumbo. Eu não compreendia por que as pessoas queriam tanto assim ver o oceano. Particularmente, gostava muito mais da vista das montanhas ao redor. Contempladas de dentro do vale, elas mudavam constantemente de expressão, de acordo com as estações e o clima. Eu não me cansava de observar, dia a dia, essas transformações.

Naquela época, minha esposa e eu estávamos separados. Chegamos a assinar os documentos oficializando o divórcio, mas muita coisa aconteceu, e no fim acabamos retomando a vida conjugal.

Não foi um processo muito simples, longe disso, e as relações de causa e efeito envolvidas não estão claras nem para nós. Se eu tentasse sintetizar, diria apenas um clichê como “resolvemos dar outra chance ao amor”. Pouco mais de nove meses se passaram entre esses dois casamentos (que eu poderia chamar de casamento anterior e posterior), mas eles se abrem num sulco profundo, como um canal que corta um istmo escarpado.

Pouco mais de nove meses — não consigo avaliar se é um período longo ou curto para uma separação. Olhando para trás, às vezes parece quase uma eternidade, e outras, apenas um instante. Minha impressão muda dependendo do dia. Em fotos, é comum colocarem um maço de cigarros ao lado dos objetos para dar uma noção de tamanho. Mas nos registros da minha memória esse maço parece encolher e esticar, dependendo do meu humor. Assim como as coisas e os acontecimentos gravados na minha memória se movem e se transformam, essa régua que deveria ser inalterável também parece se mover e se transformar sem parar, como que em uma competição.

Quer dizer, não é como se todas as minhas memórias se mexessem, esticassem e encolhessem desse jeito. No geral, minha vida sempre funcionou de maneira bastante lógica, coerente e tranquila. Somente *nesses nove meses* me vi em uma situação caótica e completamente inexplicável, como um banhista que estivesse aproveitando o mar

sereno e, do nada, fosse carregado para um gigantesco e misterioso redemoinho.

Deve ser por isso que, quando me lembro desse período (sim, estou escrevendo essas linhas me recordando de coisas que se passaram há muitos anos), o peso, a perspectiva e a conexão entre os fatos parecem incertos e oscilam o tempo todo. Por isso a sequência lógica das coisas parece mudar num piscar de olhos, sempre que me distraio. Ainda assim, vou me esforçar para narrar da maneira mais sistemática e mais lógica possível. Talvez seja um esforço inútil. Seja como for, continuarei agarrado com toda a força a essa régua precária que fabriquei com o que tinha à mão, como um náufrago esgotado que se agarrasse a um pedaço de madeira trazido ao acaso pela correnteza.

A primeira coisa que fiz antes de me mudar para aquela casa foi comprar um carro usado e barato. Precisava de um porque tinha rodado com o anterior até o carro não prestar mais e acabar no desmanche. Como passaria a morar sozinho no interior, no alto de uma montanha, um carro seria indispensável para as compras do dia a dia. Então fui a um revendedor de usados da Toyota, nos subúrbios de Odawara e encontrei uma perua Corolla a um preço atrativo. O vendedor disse que ela era azul-pastel, mas aquela cor me lembrava o tom de pele de uma pessoa adoentada. Apesar de ter apenas trinta e seis mil quilômetros rodados, a perua estava com um desconto generoso, pois já tinha sofrido alguns acidentes. Fiz um test drive para checar freios e pneus, que estavam aceitáveis, considerando que eu não pretendia dirigir por grandes rodovias.

O dono da casa era Masahiko Amada, um colega da faculdade de artes. Masahiko era dois anos mais velho que eu, mas se tornou um dos meus poucos amigos próximos e continuamos nos encontrando depois de formados. Assim que terminou o curso, ele abandonou a carreira de artista e foi trabalhar como design gráfico para uma empresa de publicidade. Ao saber que eu havia me separado, saído de casa e que não tinha para onde ir, ele me perguntou se eu não gostaria de morar na casa do seu pai, que estava vazia. Seu pai, Tomohiko Amada, era um pintor famoso do estilo tradicional japonês *nihon-ga* e usava

aquela casa de montanha, nos subúrbios de Odawara, como ateliê. Depois que sua esposa morreu, ele foi viver lá sozinho e levou uma vida despreocupada por cerca de uma década. Porém, pouco tempo antes, descobriram que estava sofrendo de Alzheimer em fase já avançada e o internaram em um asilo de luxo na região de Izu-Kogen. A casa estava desocupada desde então, havia alguns meses.

— Olha, a casa fica enfiada lá no alto da montanha, então, sabe como é, não dá para dizer que seja um lugar dos mais práticos. Mas garanto que é bem silencioso. Acho que é o ambiente perfeito para pintar, até porque você não vai ter nenhuma distração... — disse Masahiko.

O valor do aluguel que ele cobrou era quase simbólico.

— Se a casa ficar vazia ela começa a apresentar problemas, pode ser invadida ou atingida por algum incêndio... Então fico até mais tranquilo com alguém morando lá. Agora, se for de graça, pode ficar meio constrangedor para você, não é? Então podemos fechar por esse valor que acabei de falar. Em compensação, talvez eu peça para você sair de repente.

Eu não tinha nenhuma objeção. De qualquer jeito, todos meus pertences cabiam no porta-malas de um carro pequeno. Se ele me pedisse, eu poderia liberar o espaço em vinte e quatro horas.

Me mudei para aquela casa no começo de maio, logo depois de um feriado prolongado. A casa poderia ser chamada de chalé: era pequena e aconchegante, de um só andar, em estilo ocidental. Para uma pessoa, era mais do que suficiente. Ficava cercada pela mata, no cume de uma montanha não muito alta, e nem Masahiko soube me dizer ao certo onde terminava seu terreno. No jardim havia um grande pinheiro, estendendo os espessos galhos em todas as direções, algumas pedras decorativas espalhadas aqui e ali, e uma bela bananeira japonesa, ao lado de uma lanterna feita de pedra.

Como Masahiko dissera, era um lugar realmente bem silencioso. Porém, pensando em tudo o que aconteceu, eu jamais poderia dizer que *não tive nenhuma distração*.

No período de cerca de oito meses em que vivi naquele vale, depois de me separar da minha esposa, tive relações sexuais com duas

mulheres. Ambas eram casadas. A primeira era mais nova do que eu, e a segunda, mais velha. Ambas frequentavam minhas aulas de pintura.

Eu aproveitava quando surgia uma oportunidade e fazia os convites (algo que um tímido como eu nunca faria em circunstâncias normais), e de modo geral elas não recusavam. Não sei por quê, mas convidá-las para a cama me parecia algo natural e razoável. Embora fossem minhas alunas, não sentia quase nenhum peso na consciência. Ter relações com elas me parecia uma coisa tão normal quanto perguntar as horas para alguém na rua.

A primeira aluna com quem me relacionei era alta, tinha grandes olhos negros e estava com quase trinta anos. Tinha seios pequenos e quadril estreito, testa larga, cabelos lisos e bonitos, orelhas grandes em relação ao corpo. Talvez não se encaixasse no padrão tradicional de beleza feminina, mas seu rosto era interessante e único, do tipo que instiga um pintor (inclusive, fiz diversos esboços dela). Ela não tinha filhos. Seu marido dava aulas de história em uma escola particular de ensino médio, e em casa batia nela. Pelo jeito, descontava na esposa a frustração por não poder ser violento na escola. No entanto, nunca batia no rosto, e foi só ao despi-la que descobri os hematomas que cobriam seu corpo. Ela não queria que ninguém visse as marcas, por isso sempre apagava todas as luzes do quarto antes de tirar a roupa e ir para a cama.

Não tinha quase nenhum interesse por sexo: sua vagina nunca ficava molhada o suficiente e ela reclamava de dor na penetração. Mesmo se eu caprichasse nas preliminares ou se usasse lubrificante, não adiantava. Ela sentia uma dor intensa e incessante, a ponto de às vezes chegar a gritar.

Ainda assim, queria transar comigo — ou pelo menos não se incomodava com isso. Por que será? Talvez desejasse a dor. Talvez desejasse a *ausência* de prazer. Talvez desejasse se punir de alguma maneira. Afinal, as pessoas buscam coisas muito diferentes nas suas vidas. Seja como for, uma coisa ela com certeza não buscava: intimidade.

Ela não queria que fosse na minha casa, nem que fosse na casa dela, então sempre íamos no meu carro até um motel, numa avenida

um pouco afastada da cidade, perto da costa. Nos encontrávamos no estacionamento de um restaurante qualquer, chegávamos ao motel por volta da uma hora da tarde e saíamos às três. Nessas ocasiões ela sempre usava grandes óculos escuros, mesmo que o dia estivesse nublado ou chovendo. Certo dia, porém, ela não apareceu e também deixou de comparecer às aulas. E foi o ponto final do nosso caso, curto e quase sem emoções. Acho que, ao todo, transamos quatro ou cinco vezes.

A outra aluna casada com quem me relacionei levava uma vida feliz. Ou, pelo menos, não parecia ter nenhuma insatisfação específica. Na época, tinha quarenta e um anos (se não me falha a memória), cinco a mais do que eu. Era pequena, de feições bem desenhadas e se vestia sempre com bom gosto. Fazia ioga dia sim, dia não, por isso seu corpo era bem firme. Ela dirigia um Mini Cooper vermelho, um carro novo em folha, recém-comprado, e nos dias de sol eu conseguia enxergá-lo brilhando de longe. Tinha duas filhas, matriculadas em uma escola particular cara, em Shonan. Ela própria havia estudado naquela escola. Seu marido era administrador de alguma empresa, mas não cheguei a perguntar qual, nem de que ramo (também não queria saber muito, é claro).

Não sei por que ela não recusou na hora meu convite descarado para o sexo. Talvez na época meu corpo estivesse emitindo algum magnetismo particular que (por assim dizer) atraiu seu espírito, como pequenos fragmentos de metal. Ou, quem sabe, magnetismo e espírito não tivessem nada a ver com aquilo. Talvez ela simplesmente buscasse algum estímulo fora de casa e, por coincidência, eu fosse o homem que estava mais próximo.

De qualquer maneira, seja lá o que ela estivesse buscando, era algo que pude oferecer com naturalidade. No começo, ela também parecia encarar nosso caso como algo perfeitamente natural. Falando sobre a parte física (e não há muitas outras partes para falar além dessa), nossa relação também transcorreu com muita harmonia. Nós praticávamos esses atos de maneira direta e cristalina, tão cristalina que alcançavam um nível quase abstrato, e ao me dar conta disso fiquei bastante surpreso.

Mas em algum momento ela deve ter recobrado o juízo. No começo do inverno, numa manhã muito luminosa, ela me ligou e declarou, como quem lê um texto em voz alta:

— Acho melhor nós não nos encontrarmos mais. No fim das contas, não temos futuro.

... Ou alguma coisa do gênero.

Ela tinha razão. De fato, nós não apenas não tínhamos futuro, como mal tínhamos passado.

Na minha época de estudante na faculdade de artes, fazia sobretudo pinturas abstratas. Esse rótulo de “pintura abstrata” é bastante amplo, e não sei muito bem como explicar todos os estilos ou os conteúdos dessas obras. Seja como for, se tratava de quadros não figurativos, pintados de maneira livre, sem restrições. Cheguei a ganhar alguns pequenos prêmios em exposições. Apareci em algumas revistas de arte. Havia professores e colegas que elogiavam minhas obras e me encorajavam. Eu não chegaria a afirmar que tinha um futuro promissor, mas acho que demonstrava um talento razoável como artista. Entretanto, eu pintava a maioria dos quadros a óleo em telas grandes, o que exigia uma quantidade considerável de tinta e tornava os custos de produção altos. E, desnecessário dizer, a chance de surgir algum excêntrico querendo comprar grandes pinturas abstratas de um artista desconhecido é praticamente nula.

Como era impossível ganhar a vida pintando apenas o que gostava, depois de me formar comecei a pintar retratos sob encomenda, para pagar as contas. Eu pintava, de maneira totalmente figurativa, presidentes de empresas, grandes nomes da academia, parlamentares, figurões de cidades do interior... enfim, essas pessoas que costumam ser chamadas de “pilares da sociedade” (embora a circunferência de cada pilar variasse bastante). Nesses casos, esperavam de mim um estilo sóbrio, solene e realista: pinturas totalmente pragmáticas, para enfeitar a parede de salas de recepção ou de escritórios de CEOs. Como não deve ser difícil de imaginar, os quadros que eu pintava a trabalho estavam no extremo oposto das minhas ambições como artista. Não creio que seria mera arrogância artística acrescentar que eu fazia essas pinturas sem grande entusiasmo.